

A FOTOGRAFIA E O CINEMA NA COMISSÃO DAS LINHAS TELEGRÁFICAS

Joel Leão¹

As primeiras imagens fotográficas, produzidas pela Comissão Rondon e localizadas pela pesquisa, estão reunidas no álbum *Lembranças da Comissão Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia*, organizado em 1890. Nele já se pode perceber aquilo que viria a ser a tônica das imagens produzidas pela Comissão: a documentação das várias etapas dos trabalhos de construção e assentamento de linhas, com cenas de trabalho, dos acampamentos, tipos de material utilizado e também dos oficiais em trabalho e das inaugurações de Estações Telegráficas, como que a construir sua auto-imagem. Os temas, a distribuição, o encadernamento e o tamanho das fotos, uma a cada página, indicam mais um caráter de “prestação de contas” do que divulgação.

Vale lembrar o esforço dos fotógrafos em transportar através dos sertões brutos, pesados pacotes de chapas de vidro impressas como negativos de imagens, que escapavam e desfaziam-se em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia de cachoeiras. Era quase por milagre que as chapas chegavam aos estúdios fotográficos nas cidades.

Entusiasta da técnica em todas as suas manifestações e aplicações, Rondon defendia para a “imagem mecânica” um estatuto de fidelidade e exatidão na reprodução da realidade, capaz de criar um registro objetivo e comprobatório das suas realizações. Os temas e os roteiros fotográficos eram conduzidos por Rondon.

1. Cineasta. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

No princípio do século XIX, quando a fotografia se popularizou em termos da técnica e da circulação da imagem, ela estava ainda limitada a questões técnicas (tecnológicas), como o longo tempo necessário para a composição da pose, a imobilização das pessoas durante longos minutos, o controle da quantidade de luz, o tamanho da câmera e a necessidade do apoio de um tripé, o que dificultava a rápida locomoção do fotógrafo, particularmente na selva.

O profissional da fotografia tinha, em conjunto com outras profissões, remuneração equiparada aos oficiais, e engenheiros. A sua função ia além de sua competência para organizar as poses, a escolha e a composição do cenário, postura dos fotografados. A ele competia traduzir o sentimento dos trabalhos da Comissão e o pensamento de seu comandante, compondo uma crônica da viagem, narrada através da fotografia.

De qualquer modo, é possível indicar considerações sobre os fotógrafos civis contratados pela Comissão Rondon, até 1910. Aparentemente, não tinham vínculos fixos com a Comissão, sendo contratados para cada expedição montada. Esses fotógrafos exerciam atividades profissionais nas cidades consideradas pontos de apoio para a construção das linhas ou pertenciam aos estúdios do Rio de Janeiro e São Paulo.

Um dos fotógrafos mais antigos e com referência foi **Alberto Brand**, integrante da expedição de 1900 a 1906, que construiu a linha telegráfica no Sul de Mato Grosso e as fronteiras da Bolívia e Paraguai, tendo sido, o único desse período. Em suas fotos transparece a preocupação com vistas gerais das barracas, cerimônias de hasteamento da Bandeira Nacional, festas em homenagem a Rondon nas cidades onde passaram as linhas, inaugurações e também cenas de trabalho. Além do registro temático, chama atenção a beleza e a composição da selva, assim como a presença do homem, a nitidez e definição precisa do jogo de luz e sombra.

Na expedição seguinte, a de 1907 a 1909, dois fotógrafos prestaram serviços à Comissão: **Luiz Leduc e Joaquim de Moura Quineau** (1908), existindo também muitas fotografias de autoria dos próprios comandantes das expedições de exploradores e seus auxiliares. A presença dos fotógrafos relaciona-se à extensa linha, Cuiabá a Santo Antonio do Madeira.

Luiz Leduc era considerado um fotógrafo acima da média e que talvez tenha sido o primeiro profissional, a serviço da Comissão, a captar “imagens em movimento”, no sertão de Juruena, entre setembro/outubro de 1907 (*O Homem não precisava posar para ser fotografado*). **Luiz Leduc** era proprietário de um estúdio fotográfico em Cuiabá, sendo autor de algumas imagens sobre a cidade que ilustraram publicações, guias e álbuns sobre o Estado como: *O Álbum Gráfico de Mato Grosso*, editado na Alemanha em 1914.

Joaquim de Moura Quineau, este talvez seja o fotógrafo que mais destoe da linguagem visual construída pela comissão, seja em termos de objetos fotografados ou na ambientação, enquadramentos etc. Suas fotos revelam a natureza em volta sempre presente, impenetrável, fazendo pensar sobre a relação desigual travada por aqueles homens x natureza, a fragilidade de sua passagem por aquela região. Imagens que a diversidade dos homens que compunham a expedição aparece com intensidade: Negros, índios, brancos, crianças, doentes, inclusive com braços amputados e outros com curativos no rosto, amontoados contra o pano de fundo da floresta, olhando sérios para a Câmera.

Em 1910, o 2º tenente **Luiz Thomas Reis** é admitido pela Comissão Rondon como auxiliar de desenhos, e foi encarregado dos trabalhos fotográficos, em virtude da dispensa do fotógrafo de temporada e por demonstrar alguma experiência fotográfica. Tornou-se chefe da seção de fotografia e cinema e realizou estudos técnicos, mecânicos e químicos desta especialidade. Em 1912, apresentou-se ao Cel. Rondon e se propôs a adquirir o material necessário à criação do serviço que se propunha executar. Com dez contos de reis, o máximo que o Cel. Rondon pudera separar da verba material, embarcou para a Europa, onde comprou em Londres e Paris o material indispensável, naquele tempo o mais perfeito. Durante sua permanência em Paris, aprendeu a operar a câmara nos estúdios Pathé de Cinema, voltou ao Brasil e seguiu par o sertão com sete mil metros de filme da marca, Lumière tropical.

Luiz Thomas Reis ficou conhecido como o Cinegrafista de Rondon.

Outros profissionais incorporados à Comissão Rondon foram: **Affonso Henrique de Magalhães**, autor das fotografias sobre a exploração do Rio Jamari, (1910-1911). **José Louro** (1916-22) fotógrafo e cinegrafista, documentou os contatos com grupos indígenas da região e serviços para o SPI.

Em 1913-16, **Alfredo Azevedo**, que esteve na comissão como auxiliar do cinegrafista Thomaz Reis nas últimas expedições sertanistas da Comissão, integrando posteriormente, em 1919, as viagens de exploração para complementar a Carta de Mato Grosso.

Muitas vezes, os próprios expedicionários foram também fotógrafos, não importando sua função militar, o farmacêutico, **Oscar Peres**, o **Tenente Pyrineus**, que fotografou Roosevelt e Rondon no marco do Rio da Dúvida. Entre os auxiliares de Rondon que sabiam o ofício de fotografar destaca-se o **Tenente Lyra**, que fotografou a expedição de 1913, Rondon-Roosevelt, e o seu próprio filho, **Benjamin Rondon**, que revelava um bom gosto e boa composição temática. Ambos, autores de muitas fotografias em expedição e que constaram como profissionais da arte.

Existem registros de pelo menos duas expedições em que os integrantes foram fotógrafos, todas posteriores ao surgimento das câmeras portáteis e dos filmes flexíveis.

O CINEMA DA COMISSÃO RONDON

Acompanhando de perto esse movimento em torno do cinema, a Comissão Rondon buscava incorporar o registro cinematográfico no início da construção da linha de Mato Grosso ao Amazonas, em 1907. Embora esses trabalhos tivessem sido contratados com pessoal civil competente, ligado a estúdios conhecidos no Rio de Janeiro, as filmagens não foram bem sucedidas diante das asperezas do sertão. Mesmo após esse fracasso, Rondon continuou tentando obter imagens cinematográficas dos trabalhos na linha telegráfica, problema só resolvido quando o oficial **Luiz Thomas Reis** ofereceu-se para adquirir os equipamentos. As únicas referências a montagens desse serviço pela Comissão são do então Tenente Thomaz Reis.

Uma das primeiras iniciativas na utilização do cinema no ensino e na pesquisa científica é creditada ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que inaugurou em 1910, a sua filmoteca, enriquecida, em 1912, com os primeiros filmes sobre os Nhambiquaras, que Roquete Pinto trouxe de Rondônia e as admiráveis películas com que a Comissão Rondon documentava suas explorações geográficas, botânicas, zoológicas e etnográficas.

Transformadas em filmes, documentários pioneiros produzidos pela Comissão Rondon, foram exibidas sistematicamente por todo o país, em circuito comercial, e durante as conferências e palestras proferidas por Rondon. O seu primeiro Filme documentário de longa metragem, *OS SERTÕES DE MATO GROSSO* e com sua repercussão junto ao público e à imprensa, foi montado o primeiro laboratório da Comissão, contando com equipamentos modernos e contratação de profissionais especializados na produção de filmes.

O segundo filme foi chamado de *De Santa Cruz*, um dos melhores até então executados pela comissão Rondon, com fotografia impecável, mais dinâmico com cenas de animais e os índios e, em especial, os saltos Utiarity e Bello.

O terceiro filme foi editado em 1917 com o título de *Rituais e Festas Bororos* a seguir o *Ronuro, Selva do Xingu*, editado em 1924; *Ao Redor do Brasil*, filmado entre 1924/30. **Viagem ao Roraima e Parrima**, *Fronteiras do Brasil*, os dois documentários produzidos em 1927, nas viagens de Inspeção de Fronteiras feitas pelo General Rondon.

Thomaz Reis, conta sobre suas angustiantes viagens na selva e sua observação precisa, de deixar “repousar os sentimentos”, sem pressa, para obter o melhor resultado.

O martírio do cinegrafista crescia com a monotonia e repetição das paisagens, com a ausência de aspectos interessantes a ser registrados, o que nos dá uma pista tanto do roteiro que ele gostaria de cumprir, quanto do que o cinema deveria registrar. Um pequenino povoado tornava-se a grande alegria do cinegrafista no sertão. A cada viagem, mais difícil tornava-se a coleta de novas imagens que prendesse a atenção do espectador.

O cinema a serviço da Comissão não criava “artifícios” ou ilusões, apenas registrava, com arte e nitidez, costumes indígenas até então ignorados nos “centros civilizados”; sua função talvez estivesse justamente aí: revelar aos civilizados aspectos desconhecidos do interior do País. Mostrar o Brasil aos Brasileiros.



Foto: Thomaz Reis.

Major Thomaz Reis, o Cinegrafista de Rondon.

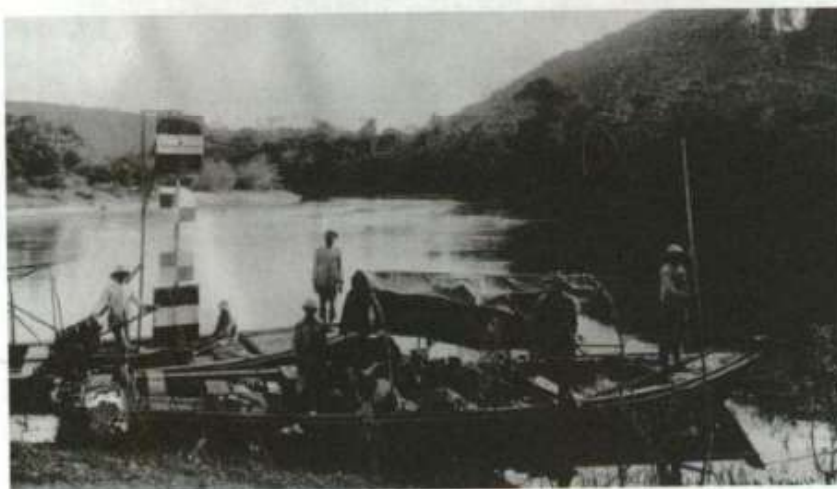


Foto: Thomaz Reis.



Foto: Joaquim de Moura Quincau.



Foto: Luiz Leduc.



Foto: Irnente Pyrineus.



Foto: BRAND.



Foto: Benjamin Rondon.



Foto: Tenente Lira.

FONTE/PESQUISA

A Nação por um Fio de Laura Antunes Maciel. Filmografia do Cinema Brasileiro, Jean-Claude Bernadet. (1898-1930). Thomaz Reis o cinegrafista de Rondon, Embrafilme, Folheto. 1982. Cinema e fotografia de Eduardo Llorente. Fotos, Arquivo Leãofilm.

